

Campo de Saberes da História da Educação no Brasil

Atena Editora



Atena Editora

**CAMPO DE SABERES DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
NO BRASIL**

Atena Editora
2017

2017 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C198

Campo de saberes da história da educação no Brasil / Editora chefe Antonella Carvalho de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2017.
202 p. : 625 kbytes

Formato: PDF
ISBN 978-85-93243-42-4
DOI 10.22533/at.ed.424171010
Inclui bibliografia

1. Educação – Brasil – História. I. Título.

CDD-370.981

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

2017

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Atena Editora

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

Capítulo I

A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POR VIÃO FRAGO

Raquel Magnólia Ferreira Ranzatti.....05

Capítulo II

A TRAJETÓRIA DA ESCOLA NORMAL OFICIAL DE DIAMANTINA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM MINAS GERAIS: 1928 A 1938

Gabriela Marques de Sousa e Juliano Guerra Rocha.....13

Capítulo III

AÇÕES EDUCACIONAIS DO MOVIMENTO “ESPORTE PARA TODOS” NO BRASIL (1973-1990)

Sérgio Teixeira.....26

Capítulo IV

APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE E CURRÍCULO ESCOLAR DA DISCIPLINA DE ARTES VISUAIS

Jéssica Maria Freisleben e Milena Regina Duarte Corrêa.....36

Capítulo V

EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL: ENTRE O IDEÁRIO E O REAL

Júlio Resende Costa.....46

Capítulo VI

EDUCAÇÃO E ICONOGRAFIA: O USO DA IMAGEM COMO FONTE HISTÓRICA E METODOLÓGICA

Graciene Reis de Sousa, Antonio Guanacuy Almeida Moura, Jocyleia Santana dos Santos e Braz Batista Vas.....57

Capítulo VII

ENSINO PROFISSIONAL FEMININO: POBREZA E MARGINALIDADE NA NOVA CAPITAL MINEIRA (1909 a 1927)

Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, José Carlos Souza Araujo e Elizabeth Farias da Silva.....67

Capítulo VIII

ENSINO PÚBLICO E PRIVADO NO BRASIL: DEBATES E TENSÕES (1932-1961)

Bruno Borges.....88

Capítulo IX

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES DOCENTES, SUAS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Regina Celi Frechiani Bitte.....99

Capítulo X

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DA PROFISSÃO DOCENTE: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE TRAJETÓRIAS FORMATIVAS

Vilmar José Borges.....110

Capítulo XI

INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: POSSIBILIDADES PARA PENSAR A OBRIGATORIEDADE ESCOLAR EM MARIANA

Priscilla Samantha Barbosa Verona.....122

Capítulo XII

O IMPÉRIO, A REPÚBLICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A BUSCA DA MODERNIDADE POR MEIO DA PRIMEIRA ESCOLA NORMAL DE UBERABA (1881-1905)

Mariana Silva Santos.....133

Capítulo XIII

O PONTO DE VISTA DO INTERVENTOR JÚLIO STRUBING MÜLLER SOBRE O ENSINO EM MATO GROSSO

Emilene Fontes de Oliveira e Thalita Pavani Vargas de Castro.....146

Capítulo XIV

O PROCESSO HISTÓRICO-POLÍTICO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA

Rachel Benta Messias Bastos.....158

Capítulo XV

OS CONDICIONANTES HISTÓRICOS DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE FORMAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Sarah Maria Freitas Machado Silva e José Luis Sanfelice.....174

Capítulo XVI

UM BREVE DEBATE EPISTEMOLÓGICO SOBRE HISTÓRIA GERAL E HISTÓRIA LOCAL: QUAL CAMINHO ESCOLHER?

Willian Douglas Guilherme e Magalis Besser Dorneles Schneider.....187

Sobre os Autores.....197

CAPÍTULO I

A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POR VIÑAO FRAGO

Raquel Magnólia Ferreira Ranzatti

A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POR VIÑAO FRAGO

Raquel Magnólia Ferreira Ranzatti

Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia-raquelranzatti@gmail.com

RESUMO: Pensar como as instituições escolares e seu interior vão se constituindo, suas concretudes de ações, continuidades e persistências é considerado um importante campo de observação e investigação relevante para os pesquisadores que estudam a História da Educação. Pensar sobre a cultura escolar, no âmbito da Nova História Cultural e se há possibilidade de congruência e interligação entre esta e a História da Educação é o principal objetivo deste artigo de revisão. Para tanto, propõe-se um estudo das pesquisas feitas por Antônio Viñao Frago, 1995. O texto suporte utilizado para a apresentação é o “HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E HISTÓRIA CULTURAL: possibilidades, problemas, questões de autoria do mesmo”. As ideias apresentadas foram dispostas em momentos: o primeiro momento fala do conceito de História Cultural, sobre seu aspecto interdisciplinar; o segundo a reflexão sobre a profissionalização docente, disciplinas e história cultural, da ligação entre estas abordagens; o terceiro aborda a cultura, organização e escola: o espaço e o tempo escolar numa perspectiva de práticas cotidianas e um último momento o texto procura traçar uma conexão entre história cultural, história intelectual e história da mente, apresentando a mente e seu sentido enquanto elemento da história das interações entre o oral, o escrito e o da cultura escrita e mentalidade letrada promovendo a fusão entre a história cultural e a história da educação. E, por fim nas considerações finais retoma-se a reflexão inicial trazendo a percepção sobre a Nova História Cultural e a História da Educação enquanto possibilidades de domínios e dimensões, levando em consideração que estes são elementos geradores de modalidades historiográficas.

PALAVRA-CHAVE: Nova História Cultural; Cultura Escolar; História da Educação.

1. INTRODUÇÃO:

Antonio Viñao Frago¹

Antonio Viñao Frago catedrático de Teoria e História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade de Múrcia foi Decano das Faculdades de Filosofia, Psicologia e Ciências da Educação e de Filosofia e Ciências da Educação da Universidade de Múrcia, bem como membro do Comitê Executivo da International Standing Conference for the History of Education entre os anos de 1994 e 2000.

Atualmente, é presidente da Sociedade Espanhola de História da Educação. As principais linhas de investigação abrangem: os processos de alfabetização (a leitura e a escrita enquanto práticas sociais e culturais), escolarização e

¹ Ver fonte de pesquisa: <http://www.edmorata.es/autor/vinao-frago-antonio>

profissionalização docente, a história do currículo (o espaço e o tempo escolares, os manuais escolares) e o ensino secundário, assim como a análise das políticas e reformas educativas nas suas relações com as culturas escolares.

Algumas obras de sua autoria são: Política e Educação nas origens da Espanha contemporânea (1982), A inovação pedagógica e da racionalidade científica. Escola pública de pós-graduação na Espanha (1898-1936) (1990), Tempos de escola, tempos sociais. A distribuição de tempo e trabalho na educação primária na Espanha (1838-1936) (1998), Ler e escrever. História de duas práticas culturais (1999), Sistemas de ensino, culturas e reformas escolares: continuidade e mudança (2002), Escola para todos. Educação e modernidade no século XX Espanha (2004).

É possível considerar congruência e interligação entre a Nova História Cultural e História da Educação? Quais as contribuições de VIÑAO FRAGO para a concretude desta articulação?

No que diz respeito a história cultural atualmente sob a denominação de Nova História Cultural, VIÑAO alega que desde quando surgiu a discussão sobre esta temática, houve influência tanto dos estudos do pós-estruturalismo, como das discussões acerca da interdisciplinaridade. Para uns, tratava-se de mais um nome a substituir à desgastada e sempre não bem definida história das mentalidades. Para outros, essa nova história cultural, abrangeria a história da cultura material e do mundo das emoções, dos sentimentos e do imaginário, assim como o das representações e das imagens mentais; da cultura da elite e dos grandes pensadores – história intelectual em sentido estrito – ao da cultura popular, a da mente como produto sócio histórico.

[...] A história cultural abrangeria a história da cultura material e do mundo das emoções, dos sentimentos e do imaginário, das representações e imagens mentais, da cultura da elite e da cultura popular, a da mente humana como produto sócio histórico e a dos sistemas de significados compartilhados. [...] (FRAGO,1995, p.2)

Diante desta polissemia do conceito de cultura, VIÑAO FRAGO pretende explorar algumas das possibilidades da história cultural em relação, ou a partir, da História da Educação. Dentre essas possibilidades o autor destaca: “história dos processos de profissionalização docente e formação das disciplinas acadêmicas e história intelectual, história da cultura e organização escolares e a mente humana como produto sócio histórico” (FRAGO,1995, p.03). Tudo isso, a partir da recusa de uma concepção de cultura como sistema unitário e uniforme, assim como de uma consideração não separada da história social e cultural.

Contrapondo o pensamento apresentado pelos intelectuais da tradicional história das ideias, no que diz respeito as “causas incausadas” e do “individualismo pedagógico”, VIÑAO FRAGO admite que as ideias e pensamentos não podem separar-se totalmente de sua inserção nas instituições, práticas e relações sociais. Ele afirma que estas “[...] podem ser vistas e analisadas a partir de diferentes enfoques e com diferentes métodos que oferecem resultados, por isso mesmo,

diferentes[...]” (FRAGO,1995, p.03).

Um primeiro enfoque dado pelo autor diz respeito ao “campo intelectual”, do modo de ingresso do docente em sua carreira profissional, da sua formação acadêmica, da forma que se percebe nas relações de poder em suas distintas situações, como também os modos de vida e conduta. Alguns pesquisadores citados por ele como Julia, 1994-1b, p. 175-205 e Nóvoa, 1987; investigam a profissionalização docente e as fases que colaboram para a inserção na carreira: provas, formação acadêmica e contínua, títulos e curriculum dos candidatos, programas ou memoriais apresentados e critérios de seleção para as nomeações.

Estes procedimentos e processos estão interligados pela história das disciplinas escolares e podem ser considerados domínios da História da Educação.

Caracterizam-se principalmente por uma “tomada de poder e de exclusão”, tanto profissional, como social. O estudioso VIÑAO afirma que: “[...]à análise do processo de profissionalização e dos candidatos e membros de uma profissão determinada é um dos aspectos mais significativos do processo complementar de criação e configuração das referidas disciplinas” (FRAGO ,1995, p.05).

Como segundo enfoque destaca-se a análise das ideias e propostas explícitas ou implícitas, que colaboraram para sua investigação sobre temas como: o tempo, o espaço, as disciplinas e a didática na cultura escolar. Com isto, estudou a distribuição semanal e diária do tempo e do trabalho do ensino primário da Espanha de 1838-1936 analisando as bases que fundamentaram o trabalho dos docentes, em diferentes textos.

Para ele, o estudo de um tema concreto abordado e sua importância em diálogo com diferentes autores e textos, reputando a um determinado período tornava-se o mais relevante. Neste sentido, “[...] um grupo intelectual poderá contribuir para que determinado aspecto em relação à uma questão concreta, ao longo de um período abordado, poderá ser suficientemente dilatado para captar, nas referidas ideias e propostas, os pontos de inflexão, as rupturas e as continuidades” (FRAGO,1995, p.07).

Do mesmo modo, ao abordar a temática da Cultura pensou em ampliar conceitos. A reflexão a respeito da escola considerou-se à partir da sociologia das organizações e da antropologia das práticas cotidianas, concebendo a cultura escolar como toda a vida escolar: “fatos, ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, de dizer e de fazer”(FRAGO,1995, p.08). Mas, os seus estudos dão maior destaque aos aspectos do espaço e do tempo escolar.

Para justificar tal escolha, VIÑAO afirma que as três dimensões ou aspectos - o espaço, o tempo e a linguagem ou modos de comunicação- afetam o ser humano em sua plenitude, na sua própria consciência interior, em todos seus pensamentos e atividades, de modo individual, grupal e como espécie em relação com a natureza da qual faz parte conformam suas mentes e suas ações à seu tempo, pelas instituições educativas, daí sua relevância.

Sobre a dimensão espacial da atividade educativa (espaço escolar como discurso que institui na sua mentalidade um sistema de valores), o autor questiona a abordagem da dimensão histórica do espaço escolar, sua evolução e

modalidades. Para ele, qualquer mudança no espaço, interfere automaticamente na natureza cultural e educativa do mesmo. Portanto, não pode ser considerado o espaço como inerte, pois está imbuído de valores, símbolos estéticos, culturais e ideológicos.

Nesta perspectiva, VIÑAO salienta que alguns aspectos devem ser apreciados ao perceber o espaço como território: Um primeiro, “ a natureza da escola como lugar” apresenta tendências que vão desde a itinerância até a estabilidade, e da ausência de especificidade as delimitações. Outro aspecto, ainda na dimensão espacial é o enfoque denominado “estratigráfico”. Ele vem complementar o anterior, pois o espaço passa a ser reconhecido como território. Nele, são explicadas as relações da instituição com seu entorno; a escola como espaço de atração e influência e, conta ainda com a relação do exterior para o interior, justamente a “relação das zonas edificadas e não edificadas do recinto escolar”.(FRAGO,1995,p.11)

Um último aspecto a considerar, ainda neste pensamento é o “aspecto dos espaços pessoais”. Relevante considerar a forma que as pessoas e os objetos são configurados. Esta disposição demonstra como estão estruturados os métodos pedagógicos. Estabelecendo uma tipologia de modalidades existentes na área e período histórico. Uma revisão de estudo apresentada pelo autor é a pesquisa desenvolvida a respeito da “organização do espaço nos colégios Jesuítas durante a Idade Moderna ².

Esta revisão trouxe o destaque das relações existentes entre o uso do espaço escolar, a organização dos centros docentes e os métodos de ensino empregado. Para VIÑAO:

“Ao estruturar ou modificar a relação entre o interno e o externo ao meio escolar – as fronteiras, o que fica dentro e o que fica fora ou seu espaço interno – entre as diversas zonas edificadas e não edificadas, entre os espaços interiores-, ao abrir ou fechar, ao dispor de uma maneira ou outra as separações e os limite, as transações e comunicações, as pessoas e os objetos, estamos modificando a natureza do lugar. Estamos mudando não apenas os limites, as pessoas, os objetos, mas também o próprio lugar. Por isso, é necessário abrir o espaço escolar e construí-lo como lugar de um modo tal que não restrinja a diversidade de usos ou sua adaptação a circunstâncias diferentes. Isso significa fazer do professor um arquiteto vale dizer, um pedagogo e da educação um processo de configuração de espaços.” (FRAGO,1995, p.13)

Em relação à dimensão temporal, o autor evidencia o tempo escolar como “diverso e plural, individual e institucional, condicionante e condicionado por outros tempos sociais; um tempo aprendido que conforma aprendizagem do tempo; uma construção, em suma, cultural e pedagógica; um fato cultural”((FRAGO ,1995, p.14).

Nesta perspectiva o tempo escolar seria então um tempo pessoal e um

² Veja-se, sobre este tema, as observações, sínteses e bibliografia recolhidas em Francisco Javier Laspalas Pérez, *La 'reinvenición' de la escuela*. Cinco estudos sobre o ensino elementar durante a Idade Moderna (1993, p. 149-150 e 174-175).

tempo institucional e organizativo. Do ponto de vista institucional o tempo escolar apresenta-se como um tempo prescrito e uniforme. Entretanto de forma individual é um tempo plural e diverso. O tempo escolar institucional proporciona diversas configurações ou níveis: o de longa duração, que tem sua origem na própria estrutura do sistema educativo com seus ciclos, níveis, cursos e ritos de passagem ou exames; o estabelecido pelos calendários escolares, os cursos, ou anos acadêmicos; e a modalidade da micro e a intra-história da instituição escolar. Ao estabelecer: dias, horários, atividades e programas uma espécie de “coação civilizatória” vai se constituindo, sendo pensada em um tempo determinado: linear, retilíneo, ascendente e segmentado em etapas ou fases a superar.

Já na cultura analfabeta não há congruência com esta modalidade de expressão. De acordo com os estudos pesquisados, VIÑAO FRAGO percebe que do analfabetismo para a alfabetização escolar não basta apenas a aprendizagem das letras ou o decifrar de um código escrito, mas, além deste teor, vale considerar a substituição de uma determinada concepção do espaço-tempo por outra, a da linear cultura escrita e a da não menos linear cultura escolar. A referida substituição constitui o núcleo central duplo processo de escolarização e de alfabetização.

Neste sentido, o tempo escolar assim como o espaço e o discurso escolar não é um simples esquema formal ou uma estrutura neutra, mas um a sequência continuada de momentos nos quais se distribuem os processos e ações educativas, o fazer escolar. É um tempo que valores e formas de gestão são determinados.

Mas, para refletir sobre estas três categorias anteriormente citadas é necessário também ampliar a compreensão da definição de história intelectual para além da história das ideias tradicionais. Para VIÑAO FRAGO falar de história intelectual é tratar o pensamento sem adjetivos, possibilitar compreender o que a mente pensa, o que ela produz; “isto é, do modo de operar da mente, da mente enquanto tal”(FRAGO,1995, p.19).A mente, nesta perspectiva seria um produto sócio histórico e os processos cognitivos podem ser estruturados a partir de uma vertente histórica, através de seus produtos e dos meios utilizados para produzi-los (as diferentes linguagens, modos de comunicação e maneiras de pensar).

O autor percebe que o enfoque histórico da mente humana deve estar atrelado ao aporte histórico, à perspectiva da realidade como processo, ampliação do espaço da experiência e à articulação temporal que permite a consideração genealógica do analisado. A análise das mudanças de linguagem do uso dos meios e modos de “ler” a realidade (de vê-la, ordená-la, mostrá-la) facilita a compreensão das estruturas ou disposições da mente humana, assim como das modificações produzidas pelos processos e mudanças dos modos de operar. VIÑAO FRAGO destaca que a consideração histórica dos meios ou suportes materiais e não materiais, referentes à palavra ou a comunicação, abrangeria os seguintes aspectos: as consequências e mudanças na interpretação entre o oral, o escrito e o visual, a gênese e difusão da cultura escrita e da mentalidade letrada.

Para ele é neste duplo âmbito: o da história das interações entre o oral, o

escrito e o da cultura escrita e mentalidade letrada que a história da mente pode adquirir sentido, e conseqüentemente promover a fusão entre a história cultural e a história da educação. Deste modo e diante do exposto, o autor concluiu que essa história una se reparte num grande número de disciplinas históricas, temos assim uma especialização epistemológica, nesta perspectiva, a história cultural tem seu âmbito próprio, sem deixar de ser história. Sendo assim, a história da educação, depois de um longo itinerário, acaba também por se constituir como campo autônomo, dotado de objeto próprio, ainda que tangenciando outras disciplinas históricas ou com elas caminhando junto.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A educação aos poucos foi se legitimando enquanto dimensão efetiva da História. Tanto a História Cultural, como a História da Educação foram se posicionando como domínios da História ou até mesmo como dimensões da mesma. Estas abordagens fazem parte, segundo BARROS dos “geradores de modalidades historiográficas” (2007, p.200), que são categorizados como: domínios, dimensões e abordagens.

Enquanto domínios podem ser considerados os campos temáticos, os sujeitos: mulher, jovem, trabalhadores, os ambientes sociais: rural, urbano, os âmbitos de estudo: arte, direito, religião que poderão ser objetos de estudo.

No que diz respeito as dimensões, o plano de estudo do pesquisador tem o elemento de uma dada sociedade como destaque. Como exemplos podem ser citadas as dimensões da História Política com seu plano político, da História Cultural com o plano da cultura como ênfase.

Já as abordagens referem-se aos métodos e modos de fazer história, nas quais merecem atenção o tratamento das fontes pelo historiador.

Nesta perspectiva, assim que a História Cultural passou a se configurar com novas abordagens, novas leituras se concretizaram e novas temáticas foram incorporadas a mesma, havendo assim um diálogo entre os domínios da História Cultural e História da Educação. A contribuição oferecida através das pesquisas de Lynn Hunt, principalmente no livro intitulado: “A NOVA HISTÓRIA CULTURAL” trouxe importante significado para a percepção de alguns historiadores que ampliaram a investigação e trouxeram a temática da cultura para o âmbito escolar.

A proposta apresentada por VIÑAO FRAGO também é considerada relevante para os estudos da História da Cultura Escolar, pois demonstrou além da importante interação e percepção da Nova História Cultural em diálogo com a História da Educação, novas formas de conhecer e compreender melhor a cultura escolar.

Desta forma, as especificidades de cada uma destas dimensões colaboraram no estudo das práticas e temáticas da história cultural em consonância com os olhares específicos da História da Educação.

REFERÊNCIAS

FRAGO VIÑAO, Antonio. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E HISTÓRIA CULTURAL: POSSIBILIDADES, PROBLEMAS, QUESTÕES.** In: FARGO VIÑAO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. Revista brasileira de educação, n.0, set/dez 1995.

OUTRAS REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alberto Filipe. **História Cultural e História das Ideias Educativas: reflexões e desafios.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos., Brasília, v. 88, n. 220, p. 459-476, set. /dez. 2007.

BARROS, José D'Assunção. **História das Ideias - Em torno de um domínio Historiográfico.** Revista de História, Juiz de Fora, v.13, n.1, p.199-209,2007.

_____. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural.** Trad. de Sérgio Goes de Paula. Rio de janeiro: Zahar, 2005.

_____. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Ed. da UEP,1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

_____. **ROGER CHARTIER Educação e História / rompendo fronteiras.** Presença Pedagógica. v.6,n.31.jan/fev.2000.

DARTON, Robert. **“História Intelectual e Cultural”** In: **O Beijo de Lamourette.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.175-197.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Petrópolis: Vozes, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

HUNT, Lyn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NÓVOA, António. **História da Educação: novos sentidos, velhos problemas.** In: MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar História da Educação.** Braga: IEP-CEEP/UM, 1998. p. 35-54.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-42-4

